

2022 – DESAFIOS MÚLTIPLOS E A NECESSÁRIA SERENIDADE PARA O FUTURO

Grupo de Análise de Conjuntura – CNBB¹
21 de fevereiro de 2022.

- Texto especialmente dedicado a memória do “PADRE THIERRY LINARD” -

O padre Thierry Linard de Guertechin SJ, que nos acompanhou neste grupo de análise de conjuntura, teve seu definitivo encontro com o Senhor no último 30 de janeiro, após 46 anos de atuação em terras brasileiras. Sua interação com o povo brasileiro gerou uma identificação que culminou em sua atuação pastoral e na reflexão sobre a realidade brasileira, com a qual nos brindou.

Após atuar na comunidade da Rocinha, na PUC-RJ, no Ibrades e na CNBB, onde também se destacou na Comissão Brasileira de Justiça e Paz, o padre Thierry pode dar um testemunho de empenho e dedicação nas diversas missões que desempenhou.

Não menos importante, o padre Thierry sempre se demonstrou um intelectual vívido e ativo em qualquer oportunidade, seja na missão de pensar os problemas e soluções de nossa sociedade, mas também na simplicidade de raciocínios no exercício de seu encargo, com uma aura imaginativa e concreta. As diversas homenagens e reconhecimentos recebidos ao longo da trajetória, bem como no momento de sua partida, atestam a quão abençoada e produtiva a sua vida se tornou.

*Dentre tantas justas homenagens já prestadas, gostaríamos de somar mais uma, agora destes pares. **Propomos a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, que formalmente dedique, à memória do Pe. Thierry, o Grupo de Análise de Conjuntura da CNBB.** Assim, esse grupo, se aprovada a homenagem, seria doravante denominado “**Grupo de Análise de Conjuntura–CNBB - PADRE THIERRY LINARD**”, permanecendo, no legado que nos deixou nosso irmão Pe. Thierry, um alerta da necessidade da crítica social e da observância do preceito de dedicação e empenho para com os mais necessitados.*

Em prosseguimento de nossa contribuição, esse primeiro texto de 2022 tem como objetivo apresentar um panorama de influências da conjuntura política, econômica, ecológica, social e cultural para o ano e seus impactos potenciais na vida social.

Nesse sentido, há a necessidade de discutir a evolução de um cenário internacional e nacional, ainda sob domínio dos efeitos da pandemia Covid19, adicionando novos pontos de atenção / desafios, para o bem-estar da sociedade. É relevante destacar que após defrontar-se com

¹ Participaram da elaboração deste texto: Dom Francisco Lima Soares – Bispo de Carolina – MA, Pe. Paulo Renato Campos – Assessor de Política da CNBB, Pe. Thierry Linard de Guertechin SJ (*in memoriam*), Antonio Carlos A. Lobão – PUC/Campinas, Francisco Botelho – CBJP, Gustavo Inácio de Moraes – PUC/Rio Grande do Sul, Manoel S. Moraes de Almeida – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Marcel Guedes Leite – PUC/São Paulo, Robson Sávio Reis Souza – PUC/Minas, Tânia Bacelar – UFPE, Maria Lucia Fattorelli – Auditoria Cidadã da Dívida, Melillo Dinis do Nascimento – Inteligência Política (IP) e Ricardo Ismael – PUC/Rio. É um serviço para a CNBB. Não representa, contudo, a opinião da Conferência.

a pandemia, a sociedade, em suas mais variadas dimensões, ainda não performou todas as adequações básicas necessárias às novas realidades e o objetivo de construir uma adaptação sequer foi alcançada em face das mudanças aceleradas. De outra parte, sem o alcance dessas adequações básicas é ilusório e especulativo pensarmos em focar nos objetivos que representem um avanço para a sociedade. Há a necessidade de respostas, dentro de estratégias múltiplas possíveis, para o direcionamento do futuro.

Não bastasse a dificuldade de se estabelecer a nova compreensão sobre o desenho social e institucional, internacional e nacional, há uma profusão de sinais que confundem e dificultam a interpretação das grandes tendências, por vezes sendo manipulados em seu comentário pelos agentes interessados em venderem uma leitura dirigida da realidade. A superexposição de informação e de estatísticas, cada vez menos custosas de serem obtidas, dificulta a compreensão independente da realidade.

Partindo, portanto, do pressuposto de estabelecer aqueles que são os sinais mais significativos da realidade, esse texto, ao apresentar o panorama das influências em 2022, tem como objetivo apresentar uma interpretação da realidade política, econômica, social e geopolítica deste início de ano. Logo, optou-se por dividir a análise em cada uma dessas 4 áreas de interesse, sem, contudo, renunciar à conexão entre os assuntos e influências recíprocas, concluindo com uma subseção final onde os efeitos mútuos são destacados.

Ambiente externo: GEOPOLÍTICA DA “GUERRA MUNDIAL EM PARTES”

Ainda em 2014, com 18 meses de pontificado, o Papa Francisco, após a visita em um cemitério militar, alertou que “o mundo vive Terceira Guerra Mundial em partes” cuja face mais latente eram “crimes, massacres e destruição”². O que pareceu um exagero retórico, acolhido sob a emoção do testemunho aos perecidos em combate, demonstrou uma lucidez analítica notável.

Um teórico da guerra do século XIX, Clausewitz, definia a guerra como “um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer nossa vontade”³. Sendo assim, o conceito de guerra envolvia uma generalidade de atos que culminariam no exercício da vontade por parte de outrem que não partilhe objetivos, denominado inimigo. Mais importante ainda, ele considerava a guerra como uma extensão da política, por via de consequência, sendo os objetivos políticos prioritários em relação aos objetivos militares.

Portanto, a guerra - o conflito -, nessa interpretação, surge da diferença entre objetivos de partes constituídas em qualquer dimensão geográfica ou institucional. O emprego da força é parte da política para converter os objetivos e ao utilizá-la temos a caracterização da guerra. Nesse sentido nunca deixamos de termos guerras no mundo, porém discutimos antes suas intensidades e parece crível, **à luz das palavras do Papa Francisco que uma guerra acontece, com manifestações de violência. Uma guerra mundial, visto que em todas as partes do mundo os objetivos de partes em disputa procuram ser impostos. E, finalmente, uma guerra que se utiliza de diferentes meios, ou como teóricos a denominam “guerra híbrida”, ou se utilizam de meios indiretos para a sua construção**⁴. A guerra híbrida não é uma guerra com armamentos

² https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140913_papa_guerra_lk.

“Papa Francisco diz que Terceira Guerra já pode ter começado”, B.B.C., 13 de setembro de 2014.

³ <https://www.scielo.br/j/ln/a/RkwV4x54863h9NGwKcS5f3b/?lang=pt> . “Clausewitz e a política”. Ferreira, Oliveiros (1994)

⁴ <https://www.nato.int/docu/review/articles/2021/11/30/hybrid-warfare-new-threats-complexity-and-trust-as-the-antidote/index.html>. “

“Hybrid Warfare – New Threats, Complexity, and ‘Trust’ as the Antidote”. Bilal, Arsalan. Nato Review, 30 de novembro de 2021.

tradicionais, como mísseis, tanques, navios ou aviões. Ela se dá em um nível que contempla “crimes”, tal como expresso pelo Papa.

Esses níveis de guerra híbrida, de maneira resumida, são estabelecidos, como exemplo, por “bombardeios cibernéticos”, com a prática de espalhamento de infecções cibernéticas, roubo de informações e fraudes em sistemas operacionais. Alcançam também a já há muito praticada difusão de informações, com a produção de versões e até de falsidades, contra estados nacionais. Passam também pelas sanções econômicas, asfixiando a produção e o comércio nacionais e por negociações diplomáticas assimétricas. São exemplos que demonstram que todas as escalas operativas de um aparato e estado são utilizadas no intuito de dobrar a vontade do inimigo. **Possivelmente, pelo advento de armas de destruição em massa nas principais nações do mundo, o recurso da guerra híbrida tenha se acentuado.**

Não há dúvidas de que vivemos uma guerra híbrida de grandes proporções nesse momento histórico. A redefinição e a exacerbação dessas posições talvez tenha sido fruto da crise econômica de 2008, a crise do *subprime*, onde a posição estabelecida dos EUA como única superpotência mundial foi colocada em xeque pela ressurgência da Rússia e a posição singular do regime chinês, como principal poupador e catalisador de relações econômicas ao redor do mundo. Os objetivos desses atores são antagônicos e daí a conseqüente necessidade de dobrar o “inimigo” à vontade própria. Surge, ademais, após o zênite americano como potência global, na *pax americana* dos anos 90 e suas intervenções, no papel de polícia do mundo, na década seguinte.

Há também a preocupação com a recente corrida armamentista, em que pesem os métodos de guerra híbrida. Inúmeros estados nacionais dominam a tecnologia de mísseis de longo alcance, assim como o da tecnologia nuclear. Em paralelo, o acesso à corrida espacial amplia-se com o lançamento de satélites e até mesmo naves espaciais à Lua e a Marte, como recentemente feito pelos Emirados Árabes⁵, China, Índia, Israel, Irã e Coreia do Sul⁶. Para além dessas novas capacidades, a marinha da China segue sendo ampliada, já sendo maior que a americana, ao menos no número de embarcações⁷, e forças aéreas da Rússia e China já dominam a técnica de engenharia de aviões que são invisíveis aos radares.

Assim, crises como a da Ucrânia neste início de 2022 ou ainda as repetidas incursões aéreas da China em Taiwan ou o lançamento de foguetes de longo alcance pela Coreia do Norte, sem termos condições de prever o desfecho específico dessas crises, tenderão a ser frequentes.

Crises humanitárias, como consequência, podem ser previstas como as já ocorridas na Síria, Palestina, Iêmen, Myanmar, Darfur (Sudão) e outras partes da África. O caso da Líbia é ilustrativo e o trazemos pela sua pouca visibilidade: a região leste do país, dominada por um general ligado aos principais países árabes e a seus interesses, enfrenta politicamente a região oeste, onde a antiga capital é controlada por um grupo político alinhado à Turquia, não se descartando a posição oscilante das principais potências⁸.

A tendência é que estados nacionais fracamente ou medianamente constituídos, pobres e/ou divididos pela religião, por etnias e por disputas políticas internas sejam vítimas das rivalidades

⁵ <https://www.space.com/hope-mars-mission-uae>

“UAE Hope Mars orbiter: The Arab world’s first interplanetary mission”. Rehm, Jeremy; Bartels, Meghan. 3 de maio de 2021.

⁶ <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/countries-with-space-programs>

“Countries with space programs 2022”

⁷ <https://www.forbes.com/sites/davidaxe/2021/11/05/yes-china-has-more-warships-than-the-usa-thats-because-chinese-ships-are-small/?sh=52f9e9dc611d>

“Yes, China has more warships than the USA. That’s because chinese ships are small”. Axe, David. 5 de novembro de 2021.

⁸ <https://www.trtworld.com/magazine/explained-libya-s-recent-political-deadlock-54656>

“Explained: Libya’s recente political deadlock”. TRTWorld, 12 de fevereiro de 2022.

mundiais, em um plano maior. **As divisões serão decisivamente exploradas pelas potências. Como consequência, há crescente tendência de disputas políticas acirradas, manifestações separatistas, massacres religiosos e étnicos na periferia do mundo, especialmente onde há abundância de recursos e comércio.**

Os objetivos de Rússia, China, Europa e EUA, às vezes convergentes, na maioria das vezes divergentes, tenderão a gerar conflitos de menor escala, às custas das populações mais localizadas em estados nacionais médios e fracos, ao invés de uma grande explícita guerra global. É “a guerra mundial em partes”, utilizando-se de recursos híbridos em grande parte das vezes.

A discussão também é importante para o Brasil, pois define uma postura de alinhamento ou não que se reflete nos investimentos estrangeiros e no comércio de bens. Efeitos de curto e médio prazos sobre os mercados poderão ser sentidos, especialmente no petróleo, vilão da inflação recente, e no trigo, essencial na produção de vários alimentos básicos. Rússia e Ucrânia, juntas, produzem 30% da oferta de trigo mundial e os principais destinos são os países do Oriente Médio⁹. Ainda assim, uma interrupção no comércio de trigo desses dois países teria efeitos relevantes em toda os consumidores mundiais, especialmente os importadores de trigo como o Brasil, pressionando adicionalmente a inflação internamente.

Entretanto, em uma consideração mais ampla, alguns vários países latino-americanos, notadamente Argentina como exemplo, já procuram atração de investimentos em áreas estratégicas em função deste alinhamento. A política externa brasileira, reflexo de um país multicultural e multiétnico, de 1950 até 2018 se caracterizou por ser dialogada e ampla, o que exigirá esforços adicionais em mundo conflituoso.

Ambiente brasileiro: OS RUMOS DA POLÍTICA

Fora de dúvida que **o cenário de 2022 será dominado pela perspectiva das eleições nacionais e estaduais de outubro**. Nos meses iniciais deste ano, este cenário tem se concentrado em discussões sobre as chapas presidenciais e de governadores. No entanto, é fundamental que seja dada muita atenção à eleição para o Congresso Nacional e à formação de bancadas partidárias temáticas.

As **regras eleitorais** ainda dominaram o debate nos dois primeiros meses de 2022, especialmente a questão da constituição das chamadas “federações partidárias”. A possibilidade deste arranjo partidário é a principal novidade na estratégia eleitoral, visto que pretende estabelecer uma aliança de partidos por um período de 4 anos, portanto também cobrindo as eleições municipais de 2024, em estatuto, programa e candidaturas majoritárias.

A constituição de uma federação protege os partidos de impedimentos gerados pela cláusula de desempenho (ou de barreira), que poderia inviabilizar acesso a fundo eleitoral, cargos em comissões legislativas e caracterização de partidos. Logo, o principal direcionamento das federações é associar partidos pequenos, sob risco de extinção, a grandes partidos constituídos. Sobretudo aos pequenos partidos, a legislação eleitoral torna-se mais desafiadora, pois permanece a proibição de coligações proporcionais, exigindo a constituição de nominatas aos cargos legislativos competitivos, atraindo ainda mais candidatos competitivos e puxadores e votos, visto que a cláusula de barreira é definida pelos votos à Câmara Federal.

⁹ <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/02/russia-x-ucrania-o-conflito-impacta-o-mercado-de-trigo/>
“Rússia x Ucrânia: como o conflito impacta o mercado de trigo?” Constable, Simon. 4 de fevereiro de 2022.

Movimentos de constituição de federações para partidos não ameaçados pela cláusula de barreira, ou grandes partidos, serão mais raros e, em outro sentido, com negociações mais complexas, envolvendo diferentes interesses estaduais. Isto porque aos grandes partidos interessa a flexibilização de acolher em suas legendas potenciais candidaturas majoritárias, administrar seu próprio fundo eleitoral, agora ampliado, e manter independência de alianças regionais. A propósito, a fusão eleitoral PSL-DEM, criando o União Brasil, novo partido, teve já elementos de temor de um PSL enfraquecido sem a figura do presidente sustentando seus candidatos, numa faixa do eleitorado, e a atração exercida pelo fundo partidário turbinado no orçamento de 2022. Esses partidos, antes da fusão, poderiam ter optado pela federação preservando suas independências operacionais de longo prazo.

O **fundo eleitoral**, ou financiamento público de campanhas, além do seu efeito orçamentário, onde é possível contestar o seu tamanho, seu reajuste e mesmo sua operacionalização. Neste último aspecto, a tendência é que os caciques partidários tendam a concentrar os recursos nos candidatos viáveis ou candidatos com alinhamento com a cúpula partidária. Assim, o estabelecimento de cotas partidárias a grupos minoritários ou cotas de gênero tende a ter seu efeito inferiorizado.

Assim, o limite de filiação de agentes políticos, 1º de abril, e o limite para a constituição de federações, 31 de maio, serão decisivos inclusive para sinalizar a composição do centro político, viabilizando ou não uma campanha competitiva, e a composição da esquerda, pontuada de partidos sob risco, reunindo-se sob a candidatura unificada de Lula ou de outros candidatos. Essa agenda também inviabiliza a votação de qualquer proposta com profundidade no Congresso, a não ser em caso de intensa pressão popular, o que nos parece improvável, para qualquer pauta, visto a ausência de mobilização aparente sob qualquer temática. Contudo, pautas temáticas, interesses de grupos organizados, tem se acelerado no Congresso, fruto da condução da presidência da mesa por liderança de Artur Lira (PP-AL): permite-se o avanço, quase silencioso aos ouvidos da opinião pública, de pautas como alterações no código de mineração, especialmente o PL 191/2020, além do PL 490/2007, flexibilizando a mineração em terras indígenas e dificultando a demarcação de terras, respectivamente. Sintomaticamente demonstra que a pauta legislativa pertence ao “Centrão” e a condução de temas será diligentemente tratada nessa perspectiva.

No que diz respeito à campanha presidencial e nos Estados, as **pesquisas se multiplicam** e, nesse momento, confirmam a repetição da polarização ocorrida em 2018 na liderança, com os nomes mais conhecidos e com passagem na presidência da República. É importante, contudo, salientar que ainda é cedo para qualquer projeção. Basta lembrar que em junho de 1994 e junho de 1998, apenas 4 meses antes da eleição respectiva, Lula liderava as pesquisas com perspectiva de vitória no primeiro turno. Contudo, em ambas FHC venceu a eleição no primeiro turno. É claro, entretanto, que as pesquisas, mesmo precoces, ajudam no posicionamento de apoios, coligações, constituição de redes e sinalização de propostas, especialmente com a conhecida tendência de retardatários extremando seus discursos e com uma postura mais denunciativa.

Não obstante, a manutenção das posições e percentuais de intenção de votos dos dois primeiros colocados à corrida eleitoral parecem indicar certa consolidação da disputa entre Lula e Bolsonaro. Analisando as pesquisas de intenção de votos desde os últimos meses do ano passado, todos os principais institutos apresentam resultados praticamente iguais, com pequenas oscilações dentro da margem de erro. "A estabilidade de Lula nas projeções de segundo turno é impressionante", constatou Felipe Nunes, diretor da Quaest, em entrevista à Revista Carta Capital¹⁰. Felipe Nunes explica que os eleitores de Lula e Bolsonaro são os mais engajados e já estão com os votos decididos, o que impede o crescimento dos candidatos da chamada terceira via.

¹⁰ Referência: <https://www.cartacapital.com.br/politica/estabilidade-de-lula-nas-projecoes-de-2o-turno-e-impressionante-diz-diretor-da-quaest/>. Acesso em 15.02.22.

Outro fator daí decorrente é a expectativa de vitória, que favorece os dois primeiros e desanima os eleitores, formadores de opinião e políticos dos demais.

Mas, com ressalva Ricardo Kostcho, “**2022 é um ano eleitoral atípico**, o mais gelado desde a redemocratização, com grandes margens de diferença nas intenções de voto, que permanecem imutáveis há vários meses, à espera de um fato novo que não acontece. Sempre é bom lembrar, porém, que somos um país imprevisível, como vimos em 2018, quando a facada em Bolsonaro e a prisão de Lula mudaram tudo.”¹¹

Ainda é importante pontuar, mesmo que sucintamente, sobre a tentativa protagonizada por partidos do campo da direita, associados a múltiplos grupos econômicos e elites sociais, na construção de uma terceira candidatura competitiva, denominada como “**terceira via**”. Este termo, originalmente, é resultante da reformulação da social-democracia europeia, nas décadas de 1970 e 1980, que se aproximava do neoliberalismo nascente. Seria uma tentativa de reconciliação entre direita e esquerda, tentando articular uma política econômica conservadora associada a uma política social progressista. Neste sentido, o termo aplicado às circunstâncias atuais, ou seja, nas eleições deste ano, não parece associado à sua origem, dado que os candidatos que se propõem a ocupar esse lugar não defendem explicitamente uma política social progressista, apesar de defenderem uma política econômica conservadora, à exceção de Ciro Gomes. Na dianteira dessa disputa pela (até agora inglória) terceira via, que envolve vários candidatos, estão o ex-juiz, líder da operação Lava-jato, e ex-ministro da justiça de Bolsonaro Sérgio Moro, que faz esforço explícito para atrair eleitores da direita e extrema-direita descontentes com Bolsonaro, e Ciro Gomes, por outro lado, cuja estratégia é buscar um eleitorado mais à esquerda e ao centro descontentes com o PT. Ambos apostam suas fichas no antipetismo.

Ademais, surgem indícios de que o PSDB pode rever a candidatura de João Dória, bem como outros partidos de centro demonstram uma disposição de descartarem suas primeiras opções em favor de composições que tragam a perspectiva de aglutinamento em torno de candidatos que, sobretudo, tenham baixa rejeição. Não descartamos que novas candidaturas, competitivas, sejam testadas e viabilizadas antes de junho, como a do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, porém o espaço é cada vez mais reduzido.

Também é notável para a dinâmica das eleições brasileiras de 2022 como **há um refluxo da onda extremista nas eleições ao redor do mundo**. Partidos e personalidades associados aos extremos, na Europa e Ásia, sobretudo, têm desempenhos ao redor de 15%, quando muito, da participação dos votos. Porém, essa hipótese será testada, especialmente no mês de abril, quando haverá eleições presidenciais na França, onde os candidatos de extrema direita têm dificuldades na disputa de uma vaga no segundo turno, e na Hungria, onde o primeiro-ministro Orban enfrentará uma oposição unificada na tentativa de reeleição. Reforçando esse ponto, alertamos que movimentos espontâneos ou articulados, como o dos caminhoneiros canadenses, podem inflar protestos também nos países emergentes, gerando um controle da agenda política. Logo, pode ser o suspiro final de um movimento extremista em declínio ou pode apenas representar uma renovação de lideranças e pautas.

Sobre a **participação dos militares na política**, o professor Luiz Felipe Miguel assinala que há preocupação com a participação destes no processo eleitoral, invocando uma ingenuidade por parte do Tribunal Superior Eleitoral em aceitar uma composição com a classe¹². A hipotética escolha do general Braga Neto, ministro da Defesa, um militar linha dura e de excessos verbais no

¹¹ Referência: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kostcho/2022/02/11/pesquisa-apos-pesquisa-nada-muda-por-que-campanha-de-2022-esta-congelada.htm> . Acesso em 15.02.22.

¹² <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/conrado-hubner-mendes/2022/02/o-tse-criou-risco-irreversivel.shtml> Miguel, Luis Felipe. 16 de fevereiro de 2022. Folha de São Paulo.

que se refere ao processo político, para vice candidato na chapa presidencial não disfarça o desejo de captura do processo político em algum grau.

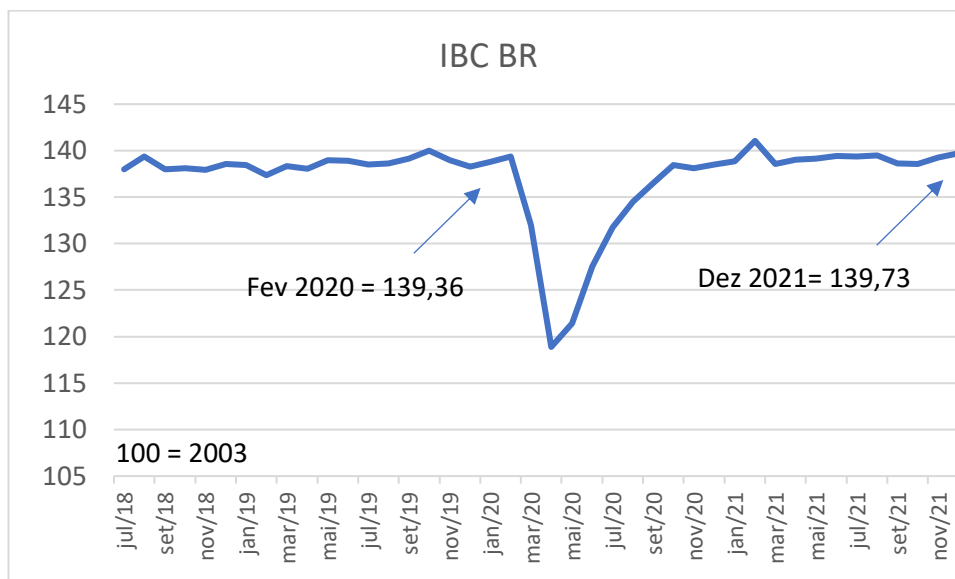
A OEA¹³, que participou das eleições brasileiras em 2020 como “observador”, nota que a **influência das milícias** é cada vez mais presente na política brasileira. O ambiente de violência, alerta a organização, intimida a participação ativa de eleitores e candidatos na dinâmica política. As práticas envolvem ameaças de morte, difamação e violência física e psicológica, culminando na tentativa de 99 homicídios, entre outras práticas. O temor é que esse ambiente se repita nas eleições de 2022, sobretudo em locais que recebem menos atenção da opinião pública.

Ambiente brasileiro : A ECONOMIA EM MARCHA LENTA?

Para dificultar as opções políticas do presidente Bolsonaro, o ano de 2022 apresenta uma economia ainda em marcha lenta, com mais adversidades do que bons resultados. Mais dramático, o principal indicador para a população mais carente, o de inflação, permanecerá em patamares altos ao longo de 2022.

O PIB brasileiro realizado em 2019, gravemente afetado, em seguida, pela pandemia, só foi recuperado no final de 2021, confirmando a **tendência de baixo crescimento econômico brasileiro observada desde 2012**. Recuperamos a queda provocada pela pandemia, mas incorporamos pouco no movimento de recuperação.

Índice de Atividade Econômica do Brasil –
Julho de 2018 até dezembro de 2021



Fonte: Banco Central do Brasil

No campo dos preços, nota-se a **permanência do nível alto da inflação ao consumidor** brasileiro. Mesmo com a elevação da taxa básica de juros do país, promovida pelo Bacen (Selic) desde abril de 2021, que para atender à justificativa para tal procedimento já deveria surtir algum efeito esperado sobre o controle dos preços de economia, a inflação ficou acima de 10% nos 12

¹³ <https://www.conjur.com.br/2022-fev-03/oea-alerta-ambiente-medo-intimidacao-milicia-eleicoes>

“OEA alerta para ambiente de medo, intimidação e milícia nas eleições no Brasil”. Vital, Danilo. 3 de fevereiro de 2022.

meses encerrados em janeiro de 2022, com graves prejuízos para o poder de compra da população (além de ter aumentado o custo da dívida do governo federal).

É importante salientar que a política econômica orientada pelos juros para combate à inflação tem resultados quando na presença de um crescimento significativo, ou uma demanda fortalecida. Esse não é o caso da economia brasileira no presente contexto, visto que os fatores que influenciam a inflação são elementos de oferta: secas que afetam a produção energética, interrupção na cadeia de suprimentos e insumos globais, além do preço dos combustíveis condicionados pela situação geopolítica e pela regra de determinação de preço, definida pela Petrobrás. Com efeito, uma política de juros ascendentes compromete o crescimento econômico e não garante o resultado anti-inflacionário, nesse contexto, proporcionando ganhos apenas na esfera financeira da economia (instituições financeiras e rentistas).

Na outra ponta, a **inflação alta desfavorece, sobretudo aos brasileiros situados na porção intermediária e na base da pirâmide de renda**, e menos aos do topo, como mostra o IPEA.

Tabela – Variação da Inflação por Faixa de Renda em 2021

Renda Familiar	IPCA Var. em 2021 - Em %
Até 1.808,79	10,08
1.808,79 até 2.702,87	10,10
2.702,87 até 4.506,46	10,40
4.506,46 até 8.956,25	10,26
8.956,25 até 17.764,49	9,66
maior que 17.764,49	9,54

Fonte: Cálculos do IPEA e Folha de São Paulo¹⁴

Esses dois condicionantes: crescimento contido e inflação alta, determinam outros importantes comportamentos da economia: mercado de trabalho, contas públicas, câmbio e investimentos externos.\5;

Em relação a dimensão câmbio, o real foi a quarta moeda do mundo que mais se valorizou relativamente a uma cesta de moedas internacionais. Esse efeito decorre de juros maiores, que beneficia investimentos estrangeiros e de recursos de brasileiros que estão no exterior, aproveitando-se dos títulos do governo que obtém mais rendimentos. O investidor assim realiza um movimento especulativo, aproveitando-se dos juros mais altos da economia brasileira, retirando recursos do exterior e internando-os na economia brasileira (para o quê, terá que comprar reais).

Isso permite uma valorização da moeda brasileira, porém baseada não em fundamentos estruturais positivos, mas em possibilidades passageiras e/ou especulativas. Na medida em que os juros também subam na economia europeia e americana o efeito tende a declinar ou até desaparecer, visto que será aproximadamente tão lucrativo investir na economia brasileira quanto em qualquer outra economia que demonstre solidez adicional. Logo, o que se quer demonstrar é que o bom resultado da valorização da moeda é reflexo antes de uma medida cujos efeitos tendem a desaparecer no tempo, em nada relacionados ao fortalecimento da economia brasileira.

¹⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/inflacao-de-2021-atingiu-mais-a-classe-media-e-ficou-abaxio-de-10-para-alta-renda.shtml>

“Inflação de 2021 atingiu mais a classe média e ficou abaixo de 10 para alta renda”. 18 de janeiro de 2022.

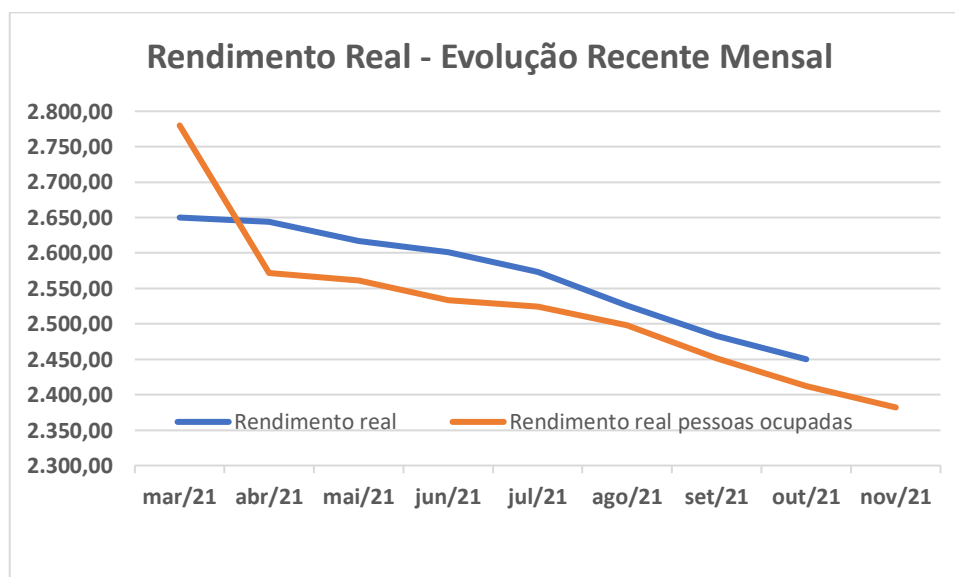
É também nesse aspecto que os investimentos externos que entram no país desde o final do ano passado devem ser avaliados. Percebe-se que são investimentos especulativos e/ou passageiros, derivados de uma percepção passageira de juros altos e não de investimentos definitivos e/ou produtivos, decorrentes de bons fundamentos econômicos. Em particular, a devolução da concessão de aeroportos, como Viracopos (SP) e Galeão (RJ) demonstra, em termos simbólicos, que o investidor externo produtivo ainda tem dificuldades de entender o ambiente e o modelo de negócios na economia brasileira, não usufruindo retornos de projetos consistentes.

A equipe econômica do governo tem comemorado os **resultados das contas públicas nos últimos meses**. Entretanto, é necessário fazer alguns apontamentos: primeiramente, em grande medida a melhora dos resultados é obtida pelos Estados e Municípios e não pela União; segundo, a inflação contribui para o resultado positivo do governo, pela dinâmica de correção dos tributos (como as faixas do I.R.) e correção dos contratos de prestação de serviços, portanto, às custas dos contribuintes e dos prestadores de serviço; e terceiro, a transparência do orçamento federal diminuiu, com significativa parcela de emendas sendo destinada ao grupo de sustentação do governo, o denominado “Centrão”, o que permitiu estabilizar a agenda legislativa do governo, e maior destinação ao fundo eleitoral e caciques partidários, com o fundo sendo reajustado em valores que ultrapassam a casa de bilhões. Essas fragilidades ficam nítidas quando as categorias de servidores não têm os reajustes previstos e o investimento em áreas fundamentais diminuiu.

O governo também comemora a tendência decrescente da taxa de desemprego no país. No entanto, ainda que seja importante qualquer redução do desemprego, é necessário considerar que o **estoque de desempregados, pouco acima de 12 milhões, é consideravelmente alto** e o baixo crescimento econômico não será capaz de revertê-lo na emergência necessária. Em paralelo, o salário médio apresenta queda, o que significa que os recém-contratados são admitidos com salários menores do que os antes praticados e que, também, o estoque de desempregados está concentrado nas camadas de mais baixa qualificação do mercado de trabalho.

Além disso, o **grau de informalidade** continua muito elevado e voltou a subir em 2021. O país tinha 38 milhões de trabalhadores sem vínculo formal no terceiro trimestre de 2021, representando 40,6% da população ocupada sendo que esse percentual era de 38,0% no mesmo período de 2020.

Como consequência, não se pode afirmar que o mercado de trabalho esteja melhorando consistentemente, o que há na realidade é um compasso de espera, movimentos marginais, consequência de um ambiente de baixo crescimento econômico e inflação alta.



Fonte: PNAD / IBGE

Nesse desempenho econômico é preciso atentar para que **existiram setores ganhadores do processo pandêmico**. Se a maior parte dos setores econômicos, ao lidarem com o inédito de uma pandemia em tempos de produção escalonada, enfrentaram uma realidade de enfraquecimento das atividades, outros setores podem comemorar. Sabemos que os setores de TIC (tecnologia da informação e comunicação), que já possuíam desempenhos acima da média, por suas inovações, antes da pandemia, acelerou seus ganhos no período, além de estar no centro das polêmicas sobre acesso e difusão de informações, especialmente as de cunho individual. Também se destacam os setores farmacêuticos, de vendas on-line e financeiro. Não à toa, a bolsa de valores americana ganhou valor desde abril de 2020, em face da valorização de empresas que tem esse perfil, predominantes entre as empresas de maior capitalização na economia americana¹⁵.

No Brasil, os segmentos onde se situam as empresas que mais lucram, mesmo em tempos de pandemia, são os de extração de minérios (VALE e ANGLO AMERICAN); Bancos (ITAU, SANTANDER, BRADESCO, CAIXA, BB), bebidas (ANBEV), energia elétrica (ELETROBRAS) e petróleo (PETROBRAS). Já os segmentos onde estão as empresas que mais ampliaram seu faturamento, muitas delas multinacionais, são do setor financeiro (Banco ABC Brasil, BNP PARIBAS, NUBANK, CCB Brasil, ALLIANZ Seguros, XP Inc.), saúde (DASA medicina diagnóstica e ELF Medicamentos), mineração (ANGLO AMERICAN), e varejo (GPA, ligada ao grupo francês Casino). Como se vê, em função das tendências recentes, tendem a prevalecer, em 2022, os tempos de crise econômica, com rebatimentos sociais desafiadores. O país precisa redefinir sua estratégia de crescimento para sintonizar com mudanças em curso, que a pandemia acelerou. Tomara que o debate eleitoral abra espaço para este tema.

10

Ambiente brasileiro: A SOCIEDADE E SUAS DORES

A **situação social brasileira deteriorou-se** desde a emergência da pandemia do Covid19. A piora nos índices de desigualdade, renda e oportunidades expõe a fragilidade do tecido social nacional. O Brasil, assim como diversos países da América Latina, ingressou na pandemia já fragilizado e com uma situação social vulnerável, que a pandemia apenas agravou.

O esforço fiscal do governo não foi suficiente para evitar que milhões ingressassem na linha de pobreza após o abalo das estruturas de saúde, econômicas e assistenciais. Na dimensão da infância agrava-se a situação pela ausência de vagas na escola, durante o período pandêmico, e o reencontro de muitas escolas públicas neste início de 2022 em estado de deterioração após dois anos fechadas. Levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que, em 2019, a taxa de crianças fora das escolas era de 1,4%, tendo esse percentual, em 2020, saltado para 5,5%. Ou seja, quase quadruplicou!

Os motivos que agravaram a situação foram a **evasão escolar e pouco tempo em sala de aula**, por conta das restrições impostas pelo coronavírus. Além disso, os investimentos considerados essenciais para a recuperação do patamar educacional antes da pandemia foram reduzidos em 93,5% dos municípios brasileiros, de janeiro a agosto de 2021, de acordo com a Frente Nacional de Prefeitos (FNP). Portanto, investimentos em educação básica precisam ser priorizados nos tempos atuais.

A CNBB, na Campanha da Fraternidade de 2022, lança luz sobre este desafio estratégico da sociedade brasileira.

¹⁵ <https://exame.com/revista-exame/o-ano-que-mudou-tudo/>

“Como os setores da economia atravessaram os desafios da pandemia”. Stefano, Fabiane. 21 de outubro de 2021.

Se os desempregados somam 12 milhões, o que é o equivalente à população do Paraná, na **questão da fome** são somados familiares e dependentes da renda da maior parte dos desempregados. Assim estima-se que 19 milhões estejam em condições de fome, o que é equivalente a pouco menos que a população de Minas Gerais.

Um Paraná inteiro de desempregados e uma Minas Gerais inteira de famintos no Brasil!

Se o critério for ampliado para insegurança alimentar, onde se considera a indisponibilidade de, pelo menos, algum alimento básico, o retrato da crise acentua-se com 55% dos lares brasileiros vivenciando situações cotidianas de insegurança alimentar. Isso se traduz em 116 milhões de brasileiros em situação de insegurança alimentar¹⁶.

Nesse contexto não se pode escapar à percepção que o agronegócio brasileiro obtém um desempenho histórico favorável, ainda que os verões de 2020 e 2021 tenham registrado estiagens em várias partes do Brasil. **Tal fato nos faz refletir sobre o modelo de produção agrícola no Brasil**, que com sua extensão de terras aráveis pode contemplar um agronegócio capitalista, ambientalmente responsável, como também atender a um modelo de produção de pequena propriedade organizada em bases familiares, exemplo exitoso da região Sul, e modelo de comercialização local capaz de alimentar e superar a crise histórica de fome brasileira. Não se trata de repugnar e realizar um confronto entre os dois modelos, mas antes integrá-los, dando a ambos a prioridade que o objetivo último, a erradicação da fome, necessita. Para as famílias esfomeadas serem atendidas, a produção em dezenas de hectares é suficiente em uma nação onde as propriedades médias possuem milhares de hectares de extensão.

Também chamamos atenção para o **sofrimento gerado pelo clima**. Nosso texto de agosto de 2021 já fazia notar o drama das tragédias ambientais cada vez mais frequentes. No caso das tragédias brasileiras de verão sequer podemos afirmar que são cada vez mais frequentes, visto serem recorrentes há décadas. Contudo, a intensidade é maior, fruto da possível mudança do regime de chuvas, tornando as secas, em algumas regiões, e as chuvas torrenciais, em outras, mais severas. Isto se defronta com uma ocupação do espaço indisciplinada, sem planejamento, e sem estruturação de uma rede de apoio e acolhimento aos desassistidos em emprego, renda, vestuário e habitação. O alerta sobre um planejamento urbano ineficaz e excludente é relevante em uma temporada em que a maioria das prefeituras do Brasil envolve-se com seus planos diretores.

Em paralelo, **acumulam-se os problemas na área da saúde**. A variante Ômicron, com seu alto poder contagioso, o apagão de dados relativos à infecções e a desaceleração no ritmo de vacinação, sobretudo junto ao público infantil, traz a perspectiva de que a saúde permaneça como um ponto de atenção permanente. O surgimento de novas variantes é possível em todos os locais do mundo onde a cobertura vacinal é pequena.

De positivo, contudo, podemos estabelecer a rede de solidariedade que se estabelece a cada ocorrência. Se por um lado, a maior parte da população é desassistida, não falta energia para compor rapidamente uma rede assistencial para as vítimas de tragédias. Demonstra que a compaixão permanece independentemente dos sofrimentos e necessidades e que merece uma resposta de uma rede permanente e estruturada.

Ambiente brasileiro: CONSOLIDAÇÃO DOS PONTOS DE ATENÇÃO

¹⁶ <https://www.dw.com/pt-br/como-o-brasil-chegou-ao-atual-cen%C3%A1rio-de-fome/a-60685226>
“Como o Brasil chegou ao atual cenário de fome?” Veiga, Edison. 7 de fevereiro de 2022.

O primeiro semestre de 2022 terá a **dominância da política na conjuntura** brasileira em especial nos 3 seguintes núcleos:

- (1) a política partidária definindo seus posicionamentos com vistas às eleições gerais de outubro. O novo congresso e a nova estrutura presidencial, nesse contexto, assumem um caráter que pode determinar o rumo da condução de políticas e dos conflitos entre poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Há que se notar a importância das articulações de bastidores e a posição privilegiada que os dois principais candidatos ocupam para aglutinar campos, mobilizações e recursos na corrida presidencial.
- (2) O Congresso, ainda que inoperante para as grandes questões estruturais (tributária, administrativa e política), permanece ativo para questões da agenda legislativa de interesse de grupos organizados. Especificamente, a estabilidade que o “Centrão” trouxe ao governo Bolsonaro tem a correspondência no trâmite de matérias de interesse dos lobistas e interlocutores desse grupo político. Assim, a atividade congressual, prejudicada pelas eleições no segundo semestre, será marcada nos primeiros seis meses por conflitos e polêmicas em torno de questões do agronegócio, dos proprietários de terra e de desregulamentações em vários setores de atividade.
- (3) Finalmente, a evolução geopolítica demonstra que uma política exterior deverá ser pensada à luz de um conflito multipolar e que tenderá a provocar instabilidades permanentes. Contar com linhas de comércio, financiamento e abastecimento adequadas representa um objetivo relevante para o bem-estar da população brasileira.

Por fim, solidarizados com as vítimas da pandemia e dos sucessivos desastres ambientais que não ignoram qualquer região brasileira, entendemos que a **solidariedade e a articulação dos movimentos sociais permanecem como um traço representativo da sociedade brasileira.**